Introdução: a grande ausência do nosso tempo

Vivemos uma época paradoxal. Nunca houve tanta informação sobre educação, psicologia infantil e desenvolvimento humano e, no entanto, nunca a crise da figura paterna foi tão evidente. Milhões de crianças crescem sem a presença do pai; outras têm-no fisicamente por perto, mas ele está emocional ou espiritualmente ausente. A cultura contemporânea reduziu muitas vezes a paternidade ao simples papel de provedor financeiro ou, no extremo oposto, confundiu autoridade com autoritarismo, tornando suspeita qualquer forma de liderança no seio da família.

Contudo, a Igreja Católica nunca deixou de proclamar uma verdade profundamente libertadora: o pai possui uma missão única, insubstituível e querida por Deus desde o princípio da criação.

Não se trata de um privilégio, mas de uma vocação.

Não de um poder, mas de um serviço.

Não de uma superioridade, mas de uma responsabilidade da qual cada pai terá de prestar contas diante de Deus.

Quando a tradição cristã fala do *pater familias*, não está simplesmente a recordar uma figura jurídica da Roma antiga, mas um verdadeiro ministério doméstico. O lar cristão é uma pequena Igreja (*Ecclesia domestica*), e o pai é chamado a ser o primeiro catequista, o primeiro protetor, o primeiro exemplo de virtude e a primeira testemunha do amor de Deus pelos seus filhos.

Numa sociedade que procura educar as crianças sem Deus, onde a identidade, a moral e a verdade parecem tornar-se negociáveis, nunca foi tão urgente redescobrir a figura do pai santo.

Porque os filhos precisam de muito mais do que conforto.

Precisam de orientação.

Precisam de um exemplo.

Precisam de um homem que os conduza até Cristo.

Deus quis revelar-Se como Pai

É significativo que, quando Jesus Cristo ensinou os seus discípulos a rezar, não tenha começado por dizer:

"Deus Todo-Poderoso..."

Nem:

"Criador do universo..."

Mas:

> *«Portanto, rezai assim: Pai nosso, que estais nos céus...» (Mateus 6,9)*

A paternidade humana encontra a sua origem na própria paternidade de Deus.

São Paulo escreve:

> *«Por esta razão dobro os joelhos diante do Pai, de quem recebe o nome toda a família, nos céus e na terra.» (Efésios 3,14-15)*

Esta afirmação possui uma profundidade imensa.

Não foi o homem quem inventou a paternidade.

Foi Deus quem a instituiu.

Todo o pai é chamado a refletir, ainda que imperfeitamente, algo do amor do Pai celeste.

Isto significa que a missão da paternidade não nasce de convenções sociais nem de modelos

culturais passageiros.

Ela provém diretamente do plano eterno de Deus.

O pai no plano original de Deus

No livro do Génesis encontramos o fundamento de toda a antropologia cristã.

Deus cria o homem e a mulher com igual dignidade, mas com missões complementares.

A Sagrada Escritura nunca apresenta essa complementaridade como uma competição.

Muito menos como uma luta pelo poder.

Desde o princípio, o homem recebe uma responsabilidade particular pela sua família.

É ele quem primeiro recebe o mandato de cultivar e guardar o jardim.

É ele quem primeiro responde diante de Deus após o pecado original.

Quando Adão e Eva desobedecem, Deus chama primeiro Adão.

Não porque Eva fosse menos importante.

Mas porque Adão tinha recebido uma responsabilidade específica.

Este princípio percorre toda a história da salvação.

O pai responde pela sua casa.

Não porque domina.

Mas porque serve.

O que significa realmente ser o chefe da família?

Uma das passagens mais mal compreendidas de toda a Sagrada Escritura é o capítulo 5 da Carta aos Efésios.

São Paulo afirma:

> *«Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da Igreja.» (Efésios 5,23)*

Muitos leem apenas esta frase.

Mas esquecem a seguinte.

> *«Maridos, amai as vossas mulheres, como também Cristo amou a Igreja e Se entregou por ela.» (Efésios 5,25)*

Aqui está a chave.

Como ama Cristo?

Servindo.

Lavando os pés.

Perdoando.

Protegendo.

Sacrificando-Se.

Morrendo na Cruz.

Por isso, a autoridade cristã nunca consiste em impor a própria vontade.

Consiste em ser o primeiro a sacrificar-se.

O pai cristão não lidera sentado numa poltrona.

Lidera a partir da cruz da vida quotidiana.

O *pater familias* na tradição da Igreja

Os primeiros cristãos compreenderam perfeitamente esta missão.

Os Padres da Igreja falavam constantemente do lar como de uma pequena Igreja.

São João Crisóstomo exortava os pais:

> *«Faz da tua casa uma Igreja.»*

Ele não esperava que o sacerdote fosse o único responsável pela educação dos filhos.

Essa missão pertencia, antes de mais, aos pais.

Santo Agostinho insistia que a família era o primeiro lugar onde o Evangelho devia ser anunciado.

Séculos mais tarde, São Tomás de Aquino explicaria que a educação pertence aos pais por direito natural.

A Igreja nunca alterou este ensinamento.

O Catecismo afirma que os pais são os primeiros educadores dos seus filhos.

Não apenas na instrução escolar.

Mas em toda a sua formação humana e espiritual.

A autoridade moral não se impõe: conquista-se

Muitos pais desejam ser obedecidos.

Mas poucos se perguntam se são dignos de ser imitados.

A verdadeira autoridade nasce do exemplo.

Os filhos detetam imediatamente a hipocrisia.

Não basta dizer:

«Não mintas.»

Se o próprio pai engana.

Não basta dizer:

«Vai à Missa.»

Se ele nunca entra numa igreja.

Não basta exigir respeito.

Se trata a esposa com desprezo.

Um pai educa muito mais pelo que faz do que pelo que diz.

A coerência é a forma mais poderosa de educação.

A primeira catequese acontece em casa

Muitos pensam que é a paróquia que forma os cristãos.

Não exatamente.

A paróquia ajuda.

A escola colabora.

O sacerdote acompanha.

Mas é o lar que educa.

Se uma criança vê o pai rezar todas as noites durante vinte anos, essa imagem ficará gravada para sempre no seu coração.

Se o vê confessar-se regularmente.

Ler a Bíblia.

Ajudar os pobres.

Perdoar.

Pedir perdão.

Essa criança terá recebido uma catequese impossível de esquecer.

Pelo contrário, nenhum catequista consegue compensar um lar completamente indiferente a Deus.

O pai como sacerdote do lar

Embora o sacerdócio ministerial pertença exclusivamente aos sacerdotes ordenados, existe também o sacerdócio comum de todos os fiéis recebido no Batismo.

No seio da família, o pai exerce uma função espiritual muito concreta.

Deve abençoar a mesa.

Conduzir o Rosário.

Ler o Evangelho.

Ensinar o Catecismo.

Introduzir os filhos no ano litúrgico.

Celebrar as festas cristãs.

Explicar o significado do Advento.

Da Quaresma.

Do Tríduo Pascal.

Das grandes solenidades.

Assim, a fé deixa de ser apenas uma matéria de estudo.

Passa a ser um modo de viver.

São José: o modelo perfeito do pai cristão

Depois de Deus Pai, nenhum homem recebeu uma missão paterna tão elevada como São José.

Ele não era o pai biológico de Jesus.

Contudo, foi verdadeiramente Seu pai segundo a missão que Deus lhe confiou.

Não pronuncia uma única palavra nos Evangelhos.

E, no entanto, fala continuamente através das suas ações.

Protege.

Trabalha.

Obedece.

Escuta Deus.

Foge para o Egito para salvar o Menino.

Regressa quando Deus lho ordena.

Educa Jesus.

Ensina-Lhe uma profissão.

Introduz-Lhe as tradições de Israel.

Leva-O ao Templo.

Todo o pai pode olhar para São José.

Não precisa de ser perfeito.

Precisa de ser fiel.

Educar para o Céu, e não apenas para o sucesso

A cultura moderna mede o sucesso de um pai pelos resultados académicos dos seus filhos.

Pela sua carreira.

Pela sua situação financeira.

Pelo seu prestígio social.

Mas Deus fará uma pergunta muito diferente.

Ensinaste-os a amar?

Ensinaste-os a rezar?

Conduziste-os aos sacramentos?

Viram em ti o rosto de Cristo?

Um filho ou uma filha pode tornar-se médico, engenheiro ou um empresário de sucesso.

Mas, se perder a sua alma, que terá realmente ganho?

Jesus adverte-nos:

> *«Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma?» (Marcos 8,36)*

A prioridade do pai cristão não é formar profissionais brilhantes.

É formar santos.

A disciplina como expressão do amor

Um dos maiores equívocos do nosso tempo consiste em identificar o amor com a permissividade.

A Bíblia ensina exatamente o contrário.

O livro dos Provérbios declara:

> *«Porque o Senhor corrige aquele que ama, como um pai corrige o*

> *filho a quem quer bem.» (Provérbios 3,12)*

A disciplina cristã nunca tem como objetivo humilhar.

Tem como finalidade formar.

Corrigir.

Orientar.

Salvar.

O pai que nunca corrige os seus filhos por receio de perder o seu afeto acaba por abandoná-los aos seus próprios impulsos.

A verdadeira autoridade estabelece limites claros com paciência, justiça e misericórdia.

O perigo de delegar toda a educação

Hoje, muitos pais delegaram quase completamente a educação dos seus filhos.

A escola educa.

A internet entretém.

As redes sociais moldam mentalidades.

Os videojogos ocupam o seu tempo.

Os influenciadores transmitem valores.

E os pais quase não estão presentes.

Sem se aperceberem, muitos renunciaram à sua missão.

Se o pai não transmitir a fé, alguém transmitirá outra visão do mundo.

Nunca existe um vazio educativo.

Há sempre alguém que ocupa esse espaço.

Por isso, o lar deve voltar a ser um lugar de conversas profundas.

De leituras partilhadas.

De momentos de oração.

De silêncio.

De diálogo.

De presença.

O pai também evangeliza através do seu trabalho

O trabalho nunca foi apenas um meio para ganhar dinheiro.

Desde o Génesis, ele aparece como uma participação na obra criadora de Deus.

Quando um filho vê o seu pai trabalhar com honestidade, responsabilidade e espírito de serviço, recebe uma lição moral muito mais profunda do que qualquer discurso.

O trabalho realizado com retidão ensina o sacrifício, a perseverança e a generosidade.

Por isso, o pai deve evitar transformar a sua profissão num ídolo que absorva todo o seu tempo. Manter um equilíbrio justo entre as responsabilidades profissionais e a vida familiar é também uma questão de justiça. Os filhos precisam do pão que o pai ganha, mas também da sua presença, das suas conversas e do seu afeto. Nenhum sucesso profissional poderá substituir os anos perdidos junto daqueles que Deus lhe confiou.

A transmissão da fé começa muito antes das palavras

Os filhos aprendem observando.

Observam a forma como o pai trata a mãe.

Como reage às dificuldades.

Como enfrenta o sofrimento.

Como fala dos outros.

Como utiliza o dinheiro.

Como perdoa.

Como reza.

Como sabe guardar silêncio.

Muito antes de compreenderem o Credo, já aprenderam o que significa ser cristão contemplando a vida dos seus pais.

Por isso, a santidade vivida no quotidiano possui uma imensa força evangelizadora.

Um pai que pede perdão quando erra ensina a humildade.

Um pai que permanece fiel durante a doença ensina a esperança.

Um pai que conserva a alegria no meio das provações ensina a confiança na Divina Providência.

Os filhos raramente esquecem essas lições.

O combate espiritual do pai

Ser um pai cristão significa também ser o sentinela espiritual do lar.

A Sagrada Escritura recorda-nos que a nossa luta não é apenas contra dificuldades visíveis, mas também contra o mal espiritual:

> *«Porque não temos de lutar contra a carne e o sangue, mas contra os principados, contra as potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso.» (Efésios 6,12)*

Isto exige vigilância.

Não basta proteger a casa com fechaduras e sistemas de alarme.

É igualmente necessário vigiar aquilo que entra pelos olhos e pelos ouvidos da família: livros, ecrãs, música, conteúdos digitais e conversas. O pai não é chamado a criar um ambiente de medo, mas um lar onde a verdade, a beleza e a virtude possam florescer.

Quando um pai falhou

Muitos homens leem estas linhas com tristeza.

Talvez tenham estado ausentes.

Talvez tenham dedicado demasiado tempo ao trabalho.

Talvez tenham negligenciado a educação religiosa dos seus filhos.

Talvez tenham cometido erros graves.

O Evangelho oferece uma esperança imensa.

Enquanto houver vida, existe sempre a possibilidade de conversão.

Nunca é tarde para começar a rezar com os filhos.

Nunca é tarde para pedir perdão.

Nunca é tarde para regressar aos sacramentos.

Nunca é tarde para reconstruir uma relação ferida.

A graça de Deus pode restaurar aquilo que parecia irremediavelmente perdido.

Os filhos não precisam de um pai perfeito.

Precisam de um pai humilde que caminhe sinceramente rumo à santidade.

A herança que nunca desaparece

As heranças materiais acabam sempre por desaparecer.

As casas deterioram-se.

As contas bancárias mudam.

As empresas surgem e desaparecem.

Mas a fé transmitida de geração em geração pode perdurar durante séculos.

Muitos santos conheceram Cristo graças a pais que rezavam, ensinavam o Catecismo e viviam o Evangelho com coerência. Uma única geração de pais santos pode transformar o destino espiritual de toda uma família.

A verdadeira herança que um pai deixa não se mede pelos bens materiais, mas pelas almas que conduziu até Deus.

Um apelo urgente para o nosso tempo

A Igreja precisa de sacerdotes santos.

Precisa de religiosos fiéis.

Precisa de catequistas dedicados.

Mas, antes de tudo, precisa de pais santos.

Porque é dos lares cristãos que nascem as vocações de amanhã, as futuras famílias cristãs, os futuros cidadãos e as futuras testemunhas de Cristo.

A renovação da sociedade não começará nos parlamentos.

Nem nas universidades.

Nem nas redes sociais.

Começará quando os pais voltarem a ajoelhar-se para rezar com os seus filhos.

Quando voltarem a abrir a Bíblia na sala de estar da sua casa.

Quando ensinarem que o domingo pertence ao Senhor.

Quando pedirem humildemente perdão.

Quando amarem a sua esposa com o mesmo amor sacrificial com que Cristo amou a Igreja.

Quando compreenderem que a sua autoridade não consiste em serem servidos, mas em servir.

O *pater familias* cristão não lidera pela força, mas pelo exemplo. Não conquista os corações pelo medo, mas por um amor capaz de se sacrificar. A sua missão não termina quando proporciona à família alimento, vestuário ou uma boa educação escolar; ela alcança a sua plenitude quando conduz os seus à vida eterna.

Num mundo que parece ter esquecido o verdadeiro significado da paternidade, a Igreja continua a proclamar, com firme convicção, uma verdade luminosa: o pai é chamado por

Deus a ser o guardião da fé, o servidor da unidade familiar e a testemunha do Evangelho no coração do lar. É ali, na simplicidade da vida quotidiana, que se trava uma das batalhas mais decisivas do nosso tempo.

Pais santos formam filhos fortes.

E filhos fortes, sustentados pela graça de Deus, tornam-se capazes de construir famílias sólidas, comunidades vivas e uma sociedade mais justa, porque aprenderam desde a infância que a verdadeira grandeza não consiste em dominar os outros, mas em amar como Cristo amou.